

## O DESEJO COMO DEFINIDOR DA HOMOSSEXUALIDADE

**Anderson Ferrari**

Resumo: *O presente trabalho é resultado do convívio com as pessoas que compõem três grupos gays organizados – o GGB, o CORSA e o MGM, em que foi possível entrar em contato com suas formas de agir, de pensar e de se construir como homossexuais. Os grupos gays tornaram-se locais privilegiados na construção das “verdades” a respeito do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual. Portanto, o objetivo é verificar como estão contribuindo para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição dos membros como homossexuais. Neste sentido, o desejo adquiriu extrema importância na definição da homossexualidade. Que idéias de desejo estão sendo colocadas em jogo e que estão servindo para identificar a homossexualidade? Como o entendimento do desejo e sua identificação com um grupo estão dando origem à homossexualidade e ao homossexual?*

Palavras-chave: *educação; homossexualidades; discursos; desejo.*

Numa passagem do conto de Caio Fernando Abreu (1991), “Pela Noite”, uma das personagens, Pêrsio, recupera uma situação vivida em sua adolescência. Classificação, definição, identidade e susto misturam-se nas lembranças desta personagem ficcional. No entanto, as relações que se estabelecem no conto ultrapassam a ficção.

– Sabe que quando eu saía na rua as meninas gritavam *biuuuuuuuicha!* Não, não era *bicha!* Nem *veado*. Acho que era *maricas*, qualquer coisa assim.

– Fresco ? Santiago disse. – Era *fresco* que se dizia.

– Isso. *Fresco*, elas gritavam. Todas gritavam juntas (*Aí aí*, elas gritavam). Bem alto, elas queriam ferir. Elas queriam sangue. E eu nem era, porra, eu nem sabia de nada. Eu não entendia nada. Eu era superinocente, nunca tinha trepado. Só fui trepar aqui, já tinha quase vinte anos. E cheio de problemas, beijava de boca fechada. [...]

---

*Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007 153*

[...] Mas era difícil lá. Aquelas garotas todas gritando de manhã bem cedo, quando eu ia para o colégio. Todos os dias. Ao meio-dia, quando voltava. Todos, todos os dias. *God!* que inferno. Semana após semana, ano após ano. Eu já não tinha coragem de sair de casa. Ficava chorando pelos cantos, bem *tanso*, me perguntando apavorado meu Deus, meu Deus, será que sou mesmo isso que elas gritam que eu sou? [...]

– Só tinha um na cidade, lembra?

– Lembro. O seu Benjamin, o barbeiro. Ele se matou, sabia?

– Claro, não é? E fez muito bem. Sábia decisão. Só podia mesmo era cortar os pulsos.

– Ele se enforcou. Bem no meio da praça. Num domingo de Páscoa. Na figueira. O padre encontrou na hora de abrir a porta da igreja, antes da missa.

– Perfeito, perfeito.[...]

– Triste, você disse *triste*? Era medonho, cara. Era duma solidão horrenda, era dum desespero *pânico*. Era duma. Duma agressão, de um desprezo, de uma crueldade. Você não lembra?

A situação vivenciada pela personagem é bem familiar àqueles que se sentem homossexuais, seja porque também já vivenciaram momentos semelhantes, ou mesmo porque temem passar por este tipo de revelação, classificação e agressão. A princípio, pode parecer que essa relação ocorra exclusivamente em espaços em que o homossexual é minoria e em que a homossexualidade é um assunto marginal a ser escondido: a rua, a escola, o grupo social. Mais do que simplesmente agressão, este tipo de acontecimento revela algo muito mais profundo, capaz de ser reproduzido também em espaços em que não se espera, como, por exemplo, nos grupos gays. Nesses lugares, também se classifica, se define, se impõe identidades e se assusta. Não como uma agressão, mas seguindo a mesma lógica: utilizando o desejo e um entendimento do que é ser homossexual, para, ao mesmo tempo, definir uma identidade e trazer o classificado para o grupo.

É esse aspecto da construção das identidades homossexuais que será analisado neste artigo: o imperativo do desejo na sua definição e na sua constituição como processo educativo. Partindo do pressuposto de que as identidades são construções sociais intermináveis, estabelecidas a partir de uma rede discursiva de saber e de poder, é possível pensar a ação dos diferentes espaços pelos quais circulamos como educativos. Neste sentido, é importante problematizar e colocar em discussão o lugar que os discursos e as instituições adquiriram para a construção dos sujeitos. Mais especificamente estou interessado nesse processo de construção que ocorre no interior dos grupos gays organizados, visto que, nos últimos anos, sobretudo após o advento da aids na década de 1980, estes são espaços privilegiados já, que se tornaram os responsáveis por dizer as “verdades” do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual. Assim sendo, assumem para si esse poder e prazer de falar em nome de todos os homossexuais, de “revelar” as verdades, desencavar os segredos e “ensinar” comportamentos.

---

154 Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007

É nesse sentido que este artigo se aproxima da temática deste dossiê intitulado "Corpo, educação e cultura". Buscando verificar como os grupos estão contribuindo para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição dos membros como homossexuais, a intenção é analisar como estes grupos assumem a função pedagógica de conceber os homossexuais, transformando-se em locais de disciplinamento, vigilância e controle, contribuindo para criar corpos dóceis. Dessa forma, estão colocando em funcionamento mecanismos de interdição, dando um significado à homossexualidade e fornecendo um lugar aos homossexuais.

Para isso, foram escolhidos alguns eventos realizados por diferentes grupos gays entre 2002 e 2005, período de coleta de dados da minha pesquisa de doutorado em que analisava a relação entre grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. É importante ressaltar que os grupos gays não devem ser tomados como um todo, como entidades uniformes, como essência, mas sim como resultado de investimentos pessoais dos seus membros. Não existe uma realidade fora dos grupos, diferente do que ocorre no seu interior, nem tampouco o que ocorre dentro dos grupos, nas reuniões, é desvinculado do social. O "dentro" e o "fora" se misturaram. Os membros trazem para a discussão e para sua organização, suas histórias de vida, experiências, visões, representações, discursos e relações de poder que são estruturadas no mundo, que são frutos de uma cultura, de uma sociedade, que são datadas, que têm temporalidades. Isso faz com que os discursos por eles produzidos e a sua própria construção sejam criações de uma época e de um local. Neste sentido, este artigo pretende explorar o que se mostrou como mais forte nos grupos, o seu aspecto paradoxal, buscando ainda revelar: a construção da misteriosa fronteira entre o controle e a resistência e o convívio com ela; o encontro das diversidades e a imposição de uma identidade homossexual; o espaço permitido para a fala e a aquisição de um discurso em comum; o local para a expressão da homossexualidade e a construção do modelo ideal, enfim, o que poderia ser resumido entre o que há de mais positivo e o que há de problemático nestas organizações. Se por um lado, estão abrindo caminhos, por outro, estão ajudando a fazer desses caminhos lugares comuns, baseados em clichês já existentes.

Tendo isso como desafio e buscando um diálogo com a passagem do conto de Caio Fernando Abreu, vamos recuperar um fato ocorrido num encontro de educadores, profissionais da saúde, assistentes sociais e outros agentes interessados na relação sexualidade, saúde e educação. Durante uma oficina sobre Homossexualidade,<sup>1</sup> ministrada pelo grupo CORSA, no Educaids de 2003,<sup>2</sup> uma professora levantou uma questão reveladora sobre a necessidade, tão presente na sociedade, de se definir a homossexualidade, para entendê-la, para saber como lidar com ela. Tal questão

<sup>1</sup> Em 2002, o grupo CORSA, contando com o financiamento da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, trabalhou com oficinas que visavam capacitar os professores da rede municipal de São Paulo, enfocando questões que envolviam sexualidade, com atenção especial para as homossexualidades.

<sup>2</sup> Educaids (Encontro de Educadores para prevenção da aids) é um encontro anual, que tem como objetivo possibilitar aos professores e demais profissionais ligados à prevenção da aids momentos de discussão, com aids a realização de oficinas, minicursos e com a divulgação de pesquisas no campo da sexualidade.

também é proposta aos grupos gays e é respondida pela relação entre desejo e identidade. Após o grupo “ensinar” como identificar um homossexual e o que é ser homossexual, a professora, demonstrando sua dúvida, apresentou uma situação hipotética de um homem de 50 anos e que se viu envolvido com outro homem, pela primeira vez. Ao final, ela interrogou aos dois membros do grupo qual seria a orientação sexual desse rapaz imaginário. Diante dessa situação, eles afirmaram: “Na verdade, ele sempre foi gay. Ele não sabia. Ele é gay”.

Nessas duas situações ocorridas em locais diferentes, o que leva a supor tratamentos diferenciados, observa-se a mesma lógica de classificação e de entendimento da homossexualidade: o imperativo do desejo na definição da identidade. Certamente, nas duas situações, evidenciam-se finalidades diferentes na “pressa” de definir a homossexualidade. A primeira visa mostrar a Pérsio qual é o seu grupo, qual é o seu local, como se o recado fosse: “Você é o outro, o diferente, ‘a bicha’, ‘o maricas’, ‘o fresco’ e, portanto, procure o seu lugar e afaste-se de ‘nós’”. A segunda também tem o objetivo de mostrar qual é o grupo de pertencimento do rapaz hipotético, qual é o local dele, com um recado diferente: “O rapaz é um igual a nós, homossexuais.” Nesse sentido, a classificação não é utilizada para afastar, mas para trazer para o grupo, para cooptar. Ambas lidam com a idéia de grupo, servindo para definir o que “eu sou” e que “lugar é reservado pra mim”, mesmo que nem Pérsio e tampouco o rapaz hipotético saibam e se classifiquem como tal.

Como ressalta Anzieu (1993, p. 18), “todo grupo é uma colocação em comum”: energias, entusiasmos, representações, sentimentos e desejos. E, tanto nos grupos, quanto nos indivíduos, as idéias devem servir e são usadas para controlar os sentimentos e vontades. Portanto, é a identificação dos membros que faz surgir e fortalecer o grupo, o que, em parte, explica a necessidade dos grupos gays de identificar e de classificar quem é homossexual, utilizando, para isso, exclusivamente, o desejo que é o que faz identificar o que há de comum, os “iguais”, e o que há de diferente, “o outro”. A identificação daquele que se aproxima e daquele que se afasta contribui para formar a idéia de grupo.

Tudo isso parece fazer com que o desejo esteja presente em quase todas as reuniões dos grupos pesquisados.<sup>3</sup> Mesmo quando o assunto proposto não vislumbre o aparecimento dessa discussão, como por exemplo, “Eleições 2004”,<sup>4</sup> em determinado momento, o debate caminha para essa direção, demonstrando como o desejo está intimamente relacionado ao entendimento da homossexualidade. Portanto,

<sup>3</sup> Os grupos que fizeram parte da pesquisa foram: o MGM (Movimento Gay de Minas) de Juiz de Fora/MG, o GGB (Grupo Gay da Bahia) de Salvador/BA e o CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor) de São Paulo/SP. Portanto, este artigo diz respeito aos eventos e às reuniões dos grupos de homossexuais masculinos dessas instituições.

<sup>4</sup> “Eleições 2004” foi um tema de discussão de uma das reuniões da MGM. Embora a preocupação inicial tenha sido com a necessidade de ressaltar a importância do Legislativo para a manutenção da luta, identificar candidatos simpatizantes às causas gays e assim definir estratégias para o grupo, a fim de se eleger um representante, a reunião acabou tomando um outro rumo, discutindo questões ligadas ao entendimento da construção da homossexualidade.

é possível levantar algumas indagações: por que o desejo está tão presente nas reuniões dos grupos? Por que está diretamente ligado ao entendimento da homossexualidade? Qual a utilização que os grupos estão fazendo dessa relação entre desejo e homossexualidade? Quais as idéias de amor e desejo que circulam nas reuniões? Como elas dialogam com a construção da homossexualidade? Estas são algumas das questões que podem levar à compreensão dos discursos produzidos nos grupos e a relação entre homossexualidade e cultura.

Tais reflexões parecem compor fragmentos do que Foucault chamou de *ars erótica*, resultado de um inesgotável prazer na análise, na confissão, na produção de discursos e na ciência do sexo que tomou o Ocidente e que serve para demonstrar que a repressão que a nossa sociedade exerceria sobre o sexo não foi suficiente para evitar a “instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos” (FOUCAULT, 1988, p. 70). As duas situações – as lembranças de Pêrsio e a resposta do grupo à questão levantada pela professora – trazem à tona algo mais importante que os mecanismos de exclusão ou de classificação e de imposição de identidade. Mais do que isso, elas chamam atenção para a “colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes” (FOUCAULT, 1988, p. 70). A questão não é afastar a homossexualidade e os assuntos que dizem respeito ao sexo para longe, mas, ao contrário, compreender como essas situações servem para difundi-los nas coisas, nas pessoas e nos corpos, fazendo-as falar, confessar e dizer a verdade.

É importante discutir esses mecanismos produtores de saber presentes nos grupos gays organizados que, por seu trabalho, tornam-se multiplicadores de discursos e geradores de poder. Assim, acredita-se ser fundamental pensar nas condições de surgimento desses mecanismos no interior dos grupos gays, observando seu funcionamento, sua formação e sua utilização. Que estratégias de poder estão presentes nessa “vontade de saber” e como isso se relaciona com a composição dos grupos gays, ou seja, como eles estão se apropriando disso?

Reconhecendo a historicidade dos objetos e sujeitos, os estudos genealógicos, inaugurados por Foucault, defendem a importância de se investigar a sua construção, levando em consideração suas condições de surgimento. Abordar questões levantadas neste artigo significa problematizá-las considerando sua história, pensando o seu aparecimento numa determinada época para pensar as continuidades e rupturas, construindo uma história do presente. A proposta é questionar e problematizar o que parecem “verdades” inquestionáveis: entender a presença marcante do desejo na identificação, na classificação e na imposição da identidade homossexual, realizadas pelo trabalho dos grupos, principalmente, para compreender suas necessidades nesses processos.

Neste sentido, o que importa não é o que somos, mas sim, como chegamos a nos tornar o que somos, para, a partir daí, poder contestar esses mecanismos de

construção. É o entendimento da construção dos sujeitos pelo saber, como sujeitos de conhecimento; pela relação com os outros, como sujeitos construídos a partir da ação dos outros, e pela ação de cada um consigo mesmo, como sujeitos que são construídos em meio a uma moral, que é internalizada e que age sobre si (VEIGANETO, 2003).

## O desejo e o amor como temas da reunião<sup>5</sup>

O desejo e o amor aparecem como tema de uma reunião do MGM<sup>6</sup> intitulada "Sexo e amor homossexual". A princípio, o que poderia chamar atenção é a própria definição do tema, em que a palavra "homossexual" é utilizada para especificar, não se pretendendo falar de sexo e amor de forma geral, mas de algo que seria próprio do homossexual. O anúncio do tema, na semana anterior, já havia causado grande excitação entre os participantes, demonstrando o forte interesse que desperta na vida de todos. Esta excitação ainda estava presente no dia do encontro, quando os integrantes chegavam agitados, comentando o que seria discutido, na expectativa de saber o que seria falado, para também poderem falar, ouvir e trocar experiências.

Estavam presentes cerca de 25 participantes, acomodados num círculo, de forma que todos se olhavam, ampliando a possibilidade do debate. Encostado na parede oposta à entrada estava Oswaldo, presidente do grupo, que seria o responsável por iniciar a reunião e dirigir a discussão. Para incentivar a participação de todos, propõe uma dinâmica em que cada um deveria escrever em um pedaço de papel uma definição para sexo e para amor. A idéia, segundo ele, era socializar as definições e que, no final, fosse possível elaborar uma definição do grupo. A partir daí, surgem as mais diversas palavras, reveladoras do que é amor e sexo para cada um. Alguns se limitam a dizer a sua palavra, outros acrescentam justificativas para a escolha e ainda há os que são solicitados a explicar o porquê da sua definição. A partir desta proposta, as vozes vão se fazendo ouvir, as trocas vão ocorrendo, algumas definições ganham respaldo, outras são rechaçadas, e o debate vai esquentando. A princípio surgem definições que são compartilhadas e que não causam polêmicas, demonstrando a concordância de todos: melhor, sonho, desejo e esperança. Oswaldo aproveita para criar algumas conclusões, tais como: "*Então, para o indivíduo alcançar sua plenitude, ele precisa ser uma pessoa que ame*".<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Os textos que reproduzem os discursos dos participantes nas reuniões dos grupos foram transcritos, na íntegra, preservando-se as características e os recursos próprios da língua falada, em condições de informalidade. Para diferenciar das citações, as falas dos participantes aparecerão em itálico.

<sup>6</sup> O MGM – Movimento Gay de Minas –, localizado na cidade de Juiz de Fora, é um dos grupos que fizeram parte da pesquisa de doutorado, que foi a base deste artigo.

<sup>7</sup> As falas que aparecem ao longo do texto foram aquelas que emergiram durante as observações. Neste sentido, foram preservadas as formas em que apareceram e preservados os nomes dos membros. Elas estarão todas em *itálico* para diferenciá-las e destacá-las no texto.

A primeira definição que incita o debate é felicidade: *"Porque eu me sinto extremamente feliz em estar amando. Acordo de manhã lembrando do meu companheiro. Esse amor que eu sinto por ele me completa, me dá força para tocar o dia"*. Esta afirmativa leva a uma série de questionamentos e por um momento, a discussão gira em torno da relação entre amor e felicidade, conforme se pode verificar em questões do tipo: essa relação é sempre verdadeira? Existe amor infeliz? Conduzindo o debate, Oswaldo vai dando a palavra aos que levantam a mão, de modo que o grupo vai fornecendo outras definições e entendimentos para essa relação entre felicidade, abordando outros aspectos, como sonho, cumplicidade, amizade, ideal. Logo a discussão se torna acalorada, com falas incisivas, vozes altas, cada um tentando impor suas definições pela força. Quase sempre são as experiências vividas que servem para estruturar o pensamento e argumentar a favor ou contra alguma idéia. Um dos participantes afirma: *"O amor também é no dia-a-dia, comer um saco de sal junto, de matar um leão por dia. Aí você não pode falar."* Outro observa: *"Eu, quando falei, falei do meu caso, do que eu estou vivendo hoje"*.

Numa segunda etapa do encontro, os ânimos se asserenam e predominam as falas concordantes e consensuais, surgindo palavras como: compreensão, compaixão, entrega, respeito, complementar, sinceridade e querer. As opiniões de confirmação e concordância do grupo se fazem sentir por um sinal com a cabeça, uma expressão de surpresa, um comentário rápido com o colega do lado ou mesmo por um aparte. É o que acontece, por exemplo, quando surge a palavra *"querer"*. Falando sobre viver uma história de amor, um dos participantes afirma: *"Eu quero. Quero ter uma pessoa do meu lado, entendeu? Eu sei que vai ter defeito, mas eu poder olhar e dizer 'meu amor, eu te amo'. Isso é uma delícia! É muito gostoso, não é, veado?"*.

A harmonia é quebrada pela fala de um outro participante que insistentemente traz opiniões que diferem das demais, representando, talvez, a maior resistência à construção de algo homogêneo no grupo. Sua voz discordante – que o faz, com frequência, ser tido como agitador e mesmo inconveniente – o leva a ser desconsiderado pelo grupo. Ele polemiza: *"Eu penso em devoção. Em perda do eu. Todo tipo de amor. O amor fraterno, o amor romântico. Eles têm em comum uma coisa, quando você ama, você nunca vê a coisa como ela é, você sempre se engana das características do ser amado. Então, todo amor é trágico"*.

Esta definição caminha na contramão de tudo o que vinha sendo construído até então. Logo se faz sentir o descontentamento do grupo em relação a esta postura. O silêncio toma conta da sala, acompanhado de expressões faciais que demonstram a má vontade com o rapaz, provavelmente devido à insistência em discordar do grupo. Este clima de desavença é amenizado, quando vários membros saem em defesa da tranquilidade que antes reinava, desqualificando a fala discordante e reafirmando as definições até então surgidas. Procurando terminar com a polêmica, Oswaldo avança no debate, dando a palavra a quem ainda não se manifestara. Um último bloco de definições é formado: fidelidade, carinho, respeito.

Na tentativa de dar um fechamento à reunião, Oswaldo busca compreender todas as concepções que apareceram, relacionando-as à cultura: *“Olha que coisa interessante. O lugar que eu quero chegar é como é impressionante, a gente percebe que até os nossos sentimentos são determinados pela nossa cultura”*. Fazendo referências à construção de gênero e da heterossexualidade, ele defende que o amor homossexual é diferente. O destaque dado a essa diferença parece servir para fortalecer a idéia do grupo como detentor de um desejo que marca a sua especificidade. No final, é possível perceber a condução da reunião no sentido de dela se servir para defender a necessidade de construção de uma identidade homossexual, que seria definida, entre outros aspectos, por esse amor diferente. Parece que o que há de mais rico na reunião – as variadas falas dos participantes – perde sua potencialidade ao se tentar forjar uma definição em comum, capaz de caracterizar e descobrir o que seria o amor e o sexo homossexual.

## O desejo

Na tentativa de definir o desejo e suas relações com a consciência, Chauí afirma que o desejo e as práticas não são resultados de julgamentos positivos antecipados, mas o seu inverso, ou seja, é porque se deseja e se pratica que se julga esse desejo e essa prática como algo positivo, bom, belo e justo. Dessa forma, *“o juízo não determina o desejo, é determinado por ele”* (CHAUÍ, 1990, p. 61). A autora assume um caminho inverso daquele apontado pelos autores que trabalham com a história da homossexualidade. Fry (1985), Flandrin (1988), Foucault (1988), entre outros, demonstram como os julgamentos, principalmente, aqueles construídos com *status* de verdade e de ciência, determinaram o entendimento do desejo, sendo capazes de estabelecer juízo de valor entre homossexualidade e heterossexualidade, por exemplo. Esse foi um dos aspectos que determinaram a origem dos movimentos sociais de grupos marginalizados, que durante muito tempo se viram diante dessa relação entre juízo e desejo, em que o juízo negativo de suas práticas era acusado de servir para desmobilizar, para não assumir, para não praticar, enfim, prejudicando sua luta política.

Entretanto, o que parece organizar os grupos gays é a utilização dessas duas posturas. Mesmo sendo opostas, elas parecem servir muito bem para entender a luta que se organiza em torno da defesa dos desejos e práticas homossexuais. Na verdade, elas se alimentam, no que diz respeito ao entendimento, do desejo homossexual e da aceitação de outras práticas, também julgadas nos grupos. Em uma outra reunião do MGM em que se debatiam as práticas sexuais, o grupo expõe a rejeição, que passa pelo juízo de valor, à *“chuva de prata”*.<sup>8</sup> Diante disso, o responsável pela reunião argumenta: *“Gente, nós não podemos julgar, porque, quando alguém fala que chupar o pau de outro homem é nojento, eu não acho. Eu não acho*

<sup>8</sup> “Chuva de prata” é a prática sexual em que os parceiros utilizam a urina como objeto de prazer e de desejo.



que chupar pau seja nojento. Durante muito tempo nós sofremos com isso. Quantos de nós não nos culpamos de ser homossexual e negamos nossa homossexualidade para não ser discriminado?”. Essa justificativa para a aceitação da prática do outro e da sua própria pode estar utilizando e unindo as duas posturas levantadas anteriormente. Ao mesmo tempo que está assumindo e denunciando que o desejo e as práticas homossexuais são resultado de julgamentos negativos, porque são construídos em meio a uma sociedade que fornece um tipo de tratamento e de entendimento que contribui para isso, está também se servindo desse fato para aceitar outras práticas. E para isso e para justificar suas práticas ele recorre ao pensamento apontado anteriormente por Chauí (1990).

Deste modo, para negar a postura que entende o desejo como determinado pelo juízo, se afirma e defende a outra, em que o desejo determina o juízo. Esse entendimento do desejo homossexual está construindo uma relação entre desejo e desejado, em que o desejado se torna desejável em si. O desejo de ter desejo como antecessor da definição do desejado. Assim, o desejado vai se transformando e se constituindo como algo externo e anterior ao ato de desejar. Durante toda a reunião, o que se percebe é essa necessidade de ter e/ou viver a homossexualidade, um amor, o que se construiu como idéia de homossexualidade e de amor. E, como essa relação depende do outro, toda ansiedade e necessidade de satisfazer o desejo são colocadas no outro, que é algo externo. Assim, aparece a idéia de cumplicidade, de amor ideal e a figura do “príncipe encantado”. “Você acha impossível existir amor sem cumplicidade? Existe amor sem cumplicidade? Mesmo que não seja um amor ideal?” “Então, não é amor. O amor tem que ser ideal.” “A gente idealizou uma fantasia de encontrar um príncipe.” “Eu acho que palavra [sonho] liga o amor à homossexualidade, eu acho que todo veado sonha com um grande amor”.

Esse tipo de raciocínio é fundamental para se pensar a criação da homossexualidade como objeto inventado pelo desejo. Assim, o trabalho dos grupos gays, por meio da produção dos discursos, das representações, das identificações e da imaginação vai generalizando o desejado – a homossexualidade – universalizando-a e colocando-a fora dos homossexuais como um valor, criando comportamentos, normas e regras que agem de forma coerciva sobre as homossexualidades e sobre a multiplicidade dos desejos. Definem também, no campo do “desejo homossexual”, o que é aceitável ou não. As definições dos participantes do grupo vão sendo confirmadas, fortalecidas e transformadas em “verdades” e/ou desejos a serem perseguidos. É o que se percebe quando um deles fornece a sua definição de amor homossexual: “O amor pra mim é considerado uma palavra melhor. Simplesmente, porque é quando o indivíduo, o ser humano alcança sua plenitude, quando ele tem amor”. Esta fala é respaldada pelo dirigente do grupo que coordena o encontro. Ao reafirmá-la, ele acaba por dotá-la de um caráter de verdade, já que, como dirigente, recebe do grupo esse poder, representando, em meio aos demais, aquele que sabe. Afirma ele: “Então, para o indivíduo alcançar sua plenitude, ele precisa ser uma pessoa que ame. Que a palavra melhor, vem nesse sentido, que a plenitude é você se tornar cada vez melhor. Não é? Alguém discorda disso? Não”. Em outro momento, o dirigente

novamente conclui, afirmando como "verdade" a ser seguida: *"Eu acho que a felicidade e o sonho estão extremamente ligados na medida em que nós desejamos, no sentido de sonhos, um amor que me faça feliz. O amor também é no dia-a-dia, comer saco de sal junto, de matar um leão por dia"*.

A relação originária entre corpo, desejo e homossexualidade é imaginativa, da mesma forma que o grupo é o resultado da construção entre imaginação, experiências e discursos. Isso faz com que haja todo um esforço discursivo de construção dessa imaginação como realidade. Daí a necessidade de se reafirmar o grupo e as experiências vivenciadas, como construção de uma realidade. É a necessidade de fazer a homossexualidade existir. Essa necessidade de existência da homossexualidade parece passar pela necessidade da existência do desejo, que passa pela exposição e revelação, que o grupo defende como uma postura para além do grupo.

É essa imaginação que é construída por vários mecanismos e redes discursivas que vão criar a idéia de um "eu" que deseja algo que pode ser lido de determinada forma e que, a partir dessas leituras possíveis, constrói o sujeito. Mesmo quando esses mecanismos e redes discursivas tornam tudo generalizado, como acontece, por exemplo, pela ação da mídia, da educação e dos grupos gays no que se refere às imagens da homossexualidade, coexiste na realidade social uma diversidade de exploração e de vivência que convivem entre si. Isso faz com que o processo de construção das identidades não se limite aos interesses objetivos, como é amplamente defendido pelos grupos gays, quando associam a necessidade de "uma" identidade gay capaz de conscientizar, fortalecer a luta do grupo e modificar as relações sociais em torno dessas práticas e desejos. Nesse trabalho, constantemente são associadas identidade gay, visibilidade e cidadania, como aparece na seguinte fala: *"Porque isso, de certa forma, é ponto pra gente gritar pelos nossos direitos, para a gente gritar e propor ações e propor cidadania e direitos humanos para os homossexuais"*.

As identidades não são resultados de um dado, de uma essência, como são entendidas pelos grupos gays, quando trabalham a identidade homossexual e o desejo. Pensando dessa forma, os grupos gays estão excluindo o coletivo de todo processo de construção das identidades. Além disso, estão negando a importância do seu próprio trabalho, não reconhecendo a interação e a negociação que ocorre em seu espaço. Assim, a ação dos grupos sobre o desejo fortalece nossa herança moderna, no sentido de que a preocupação ainda é a de vigiar, identificar e classificar o objeto do desejo, que é usado para forjar uma identidade homossexual, única e exclusivamente, a partir dele, fortalecendo-o como objeto e generalizando-o.

A ação dos grupos se inscreve no campo da construção simbólica do eu, do sujeito, da experiência e do coletivo. Neste sentido, esse trabalho em torno do desejo e da identidade homossexual visa a construir um sujeito coletivo, que vai interferir na participação e organização do grupo. Daí tanto investimento em torno do desejo e da identidade homossexual que tem na ação dos grupos uma das possibilidades de concretização. Portanto, mesmo concentrando força no desejo como principal fator

---

**162 Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007**

de definição da homossexualidade e da exigência da identidade homossexual, os grupos gays transformam e usam essas ações e fatores em interação, negociação e compartilhamento, capazes de ligar os participantes, formando a idéia do desejo, do homossexual e do grupo. As idéias por si só vão formando um todo compreensível e definidor do que vem a ser desejo e identidade homossexual, ou então esse trabalho é realizado pelo dirigente que se encarrega de criar laços entre os membros, de forma que todos se sintam homossexuais e parte do grupo, já que compartilham as mesmas idéias. Surgem frases como: *"Eu entendo sua explicação. Ela não está muito longe do que o Júlio chamou de compreensão"*; *"O que vocês acham do que ele falou? A indefinição. Você define de uma forma, eu defino de outra. Você acredita que duas pessoas com definições diferentes de amor podem se amar?"*; *"[...] eu estou querendo constatar com vocês que o nosso amor homossexual é diferente, os conceitos vão variar... O nosso conceito de promiscuidade, por exemplo, é diferente dos heterossexuais"*.

Desse modo, os grupos gays estão lidando com um entendimento de identidade como algo coletivo e produzido pelos indivíduos em interação e negociação nas reuniões. Nos discursos veiculados nas reuniões, o desejo e o amor homossexual são colocados como objeto de análise e é possível perceber dimensões fundamentais da identidade coletiva (VIANNA, 1999): definição de conhecimentos e de ações sobre os resultados a serem alcançados, os meios para isso e o ambiente das ações; o incentivo nas relações e trocas entre os membros e a presença de investimentos emocionais, como, por exemplo, o desejo e o amor, que servem para que os membros se reconheçam, identifiquem e reconheçam os homossexuais de forma geral e se unam. Dimensões que resultam em tensões que estão presentes na construção e manutenção dos grupos gays: "1) a tensão entre permanência e mudança; 2) a tensão entre as dimensões internas e externas do ator coletivo; 3) a tensão entre o comportamento baseado no cálculo dos custos e benefícios da ação e a conduta cuja base é a identidade dos atores" (VIANNA, 1999, p. 59). Tais reflexões se expressam no seguinte depoimento: *"É muito difícil para os casais homo construir uma casa, [...] é um querer, sabe? É muito mais vontade, muito mais coragem, é uma batalha muito maior que um casal hetero. É um amor no sentido total da palavra. Porque é uma barra você ter um relacionamento homossexual. Existem barreiras que são externas a você e foge do seu controle"*.

A construção da homossexualidade e do "desejo homossexual" está servindo para que os grupos construam conhecimentos, discursos, representações e regras comuns de compreensão dessas realidades, fortalecidas pelas relações entre os membros e o reconhecimento emocional. *"Quem assume um amor homossexual é porque ele quer muito. Ele vai brigar com o mundo, vai sofrer horrores. Aí que tá. Eu não me conformo de ver bicha sofrer pra ficar do lado de uma pessoa que a despreza, entendeu? Vai lutar contra o mundo todo para viver uma vida de merda, sabe?"*. Há um retorno para o grupo: essas ações fazem com que existam dois tipos de motivação para ação nos grupos. Por um lado, essas relações servem para constituir a idéia de grupo, que resulta no atendimento de suas demandas, na mobilização dos mem-

bros em torno das necessidades para sua manutenção e fortalecimento e para que assumam a luta como causa individual. Por outro lado, as relações interpessoais, de convívio, de troca resultam num alento emocional, em que cada um se sente parte de um grupo, compartilhando e reconhecendo emoções, o que gera um sentimento de segurança e proteção (VIANNA, 1999).

Segundo Touraine, foi na modernidade que se inaugurou a idéia de que o “homem é o que ele faz”, associando, nessa construção, a produção, a organização da sociedade, assim como o interesse e a “vontade de se libertar de todas as opressões” (TOURAINÉ, 1994, p. 9). Essa união entre uma cultura científica, uma sociedade ordenada e um conjunto de indivíduos “livres” foi traduzida no fortalecimento da razão, capaz de possibilitar “a adaptação da vida social às necessidades individuais e coletivas” (TOURAINÉ, 1994, p. 9). Sendo assim, a libertação dos controles ou mesmo a promessa dessa realização, ou a luta por sua efetivação, traz a felicidade ou a promessa de dias melhores que são sempre associados à idéia de felicidade. Essa associação de idéias que se foi formando a partir da modernidade tomou novo ânimo nas décadas de 1960 a 1980, no momento da organização dos movimentos sociais, que incluíam em suas pautas de debate, tanto a promessa de libertação das opressões, quanto de felicidade. Tais promessas serviram para dar origem aos grupos, mantê-los, fortalecê-los e ampliá-los. Dessa forma, os grupos gays, tributários desses movimentos, também trabalham nessa perspectiva de construção do sujeito produtivo, regulador de sua vida pessoal e capaz de se libertar das opressões e ser feliz – o sujeito homossexual militante.

A herança moderna foi responsável por construir a idéia da homossexualidade baseada na doença, no pecado, na inversão, enfim, como algo que deva ser controlado, reprimido e negado. Assim, vivenciar uma relação homossexual e poder confessá-la nas reuniões adquire um sentido de libertação dos controles, causando uma sensação de felicidade, que é compartilhada com os outros membros. Mesmo que não se vivencie essa felicidade, as histórias narradas traduzem essa expectativa de felicidade. *“A gente tem que falar também a questão da palavra homossexualidade. Essa palavra é recente, não é uma palavra usada há milhões de anos. E, essa palavra está embutida nela a palavra sexo. Então, a homossexualidade, durante muitos anos, não existia nenhuma possibilidade de relacionamento afetivo. Tanto é que, quando a gente conversa hoje com as bichas dos anos sessenta, elas nunca..., a elas nunca foi permitido o amor. A homossexualidade, para essa turma, era puramente sexo. Então, nós estamos falando hoje de amor e sexo homossexual, isso é um puta avanço”.*

No entanto, Touraine argumenta que vivemos numa sociedade pós-industrial, programada pelos produtores culturais – educação, mídia, grupos sociais – em que a tensão central se localiza na oposição entre as imagens construídas por esses “aparelhos de produção cultural” e a defesa do sujeito pessoal (TOURAINÉ, 1994, p. 13). É nesse sentido que os grupos gays voltam, cada vez mais, o seu trabalho para a educação e para a mídia, no sentido de tentar resolver essa tensão na construção do sujeito homossexual, ao mesmo tempo que estão interessados em se tornar o “por-

---

164 Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007

ta-voz" oficial da organização dessas práticas, reivindicando um lugar que durante muito tempo foi ocupado pela Medicina, Religião e Justiça. Assim, essa sociedade pós-industrial se organiza e tem de lidar com um campo de ação cultural e social mais amplo e mais bem organizado, constituído e fortalecido (TOURAINÉ, 1994).

A princípio, a luta dos movimentos sociais de forma geral e, especificamente, dos grupos gays serviu para que cada um se afirmasse como sujeito, visto que ela se organizaria, discursivamente, contra os poderes que o dominam. Nesse sentido, o reconhecimento, a vivência, o compartilhamento e a transformação do desejo em discurso contribuem para a afirmação dos sujeitos, porque estão "lutando", por meio da vivência, contra a opressão, assim como para a afirmação dos homossexuais, porque estão lutando e se organizando em grupo. Diante dessa situação de construção dos sujeitos nos moldes do que foi construído na modernidade, o grande desafio colocado para os grupos gays seria pensar como reinventar a vida social e a vida política, em meio à dissociação dos meios e dos fins? Como problematizar e reinventar a homossexualidade, o desejo, as identidades, em meio à dissociação, atual, entre o como está sendo feito e o que se pretende?

Não é por acaso que a modernidade foi-se transformando em uma sociedade de controle, por meio de integração e repressão, seguindo a tendência de ampliação do campo de moralização que, hoje em dia, atinge e organiza o trabalho dos grupos gays. Não se trata somente de seguir as ordens, as determinações e as informações organizadas pelos grupos, mas, sobretudo, acreditar nelas, ajustar seus sentimentos, crenças e desejos a essas determinações fortes, na medida em que se organizam como preocupadas e necessárias ao êxito social. Portanto, a maior característica atual desse controle é que ele se exerce sobre cada um, fabricando os sujeitos, impondo-lhes uma identidade. Grande parte desse mecanismo de poder, criado no interior dos grupos, resultou do surgimento do HIV/AIDS, capaz de levar a uma associação entre os grupos e o Estado, por intermédio do Ministério da Saúde e das instituições médicas em torno da preocupação com a doença e da necessidade de organização e prevenção dessa comunidade. Deste modo, o trabalho dos grupos gays também vai se transformando num tipo de higienismo social, formulado em nome da ciência, capaz de ressignificar os desejos, as práticas e as identidades homossexuais.

Desde o século XVIII, com o prestígio e a valorização da confissão, a intimidade foi despertando o interesse e ganhando importância (TOURAINÉ, 1994). O homem foi-se transformando num ser do desejo. "Todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante [...]" (KEHL, 1990, p. 368). Estas afirmações unem sujeito, realidade e desejo. Daí a necessidade da identificação dos desejos – dos outros e dos próprios – capazes de nomear os sujeitos. Não desejar significaria não ser sujeito. É a realidade que cria os desejos, visto que é dela que chegam as percepções dos objetos, que possibilitam que o desejo se transforme em discurso. Os discursos vão construindo "isso" que chamamos e identificamos como realidade. Por sua vez, essa idéia de realidade cria o desejo por meio do discurso

desse desejo, num processo de “mão dupla”. Talvez isso explique a necessidade dos grupos gays e dos indivíduos, de discutir seus desejos, nomeá-los, criá-los e recriá-los, não só para se reafirmarem enquanto sujeitos, mas também como grupo. Logo não se trata apenas de apropriação de uma realidade que é dada ao sujeito por uma cultura, mas de um constante trabalho de ressignificação, de ressimbolização dos códigos dessa realidade.

Ainda que o fato de os membros dos grupos apontarem para a necessidade de se viver e conhecer situações de amor pressuponha desconhecimento, eles estão se referindo a algo que pensam que conhecem, pelo menos o bastante para se tornar objeto de reflexão e de desejo. O que eles desejam aqui não é viver uma situação desconhecida, mas reconhecer um objeto de suas representações, investido de afetos e expectativas, a partir da troca com o desejo dos outros. Mas isso não acontece com todos os assuntos: o debate nos grupos só ocorre com objetos da realidade que são valorizados pelo grupo, como definidores do que vem a ser homossexual. Na primeira reunião de cada ano, no processo de decisão sobre os temas que irão compor a pauta de debate ao longo do ano, os participantes não estão simplesmente apontando os objetos da realidade valorizados pelo grupo, mas, principalmente, estão demonstrando o que vem a ser homossexual, visto que ser homossexual está diretamente relacionado aos objetos de interesse em comum.

Portanto, quanto mais os componentes de um grupo souberem a respeito do amor e do desejo homossexual, mais chances terão de obter prazer, quando se sentirem em situações reconhecidas como de amor e desejo. Trate-se do reconhecimento do poder do desejo em construir ilusões, de modo que as pessoas possam encontrar exatamente o que esperam, ainda que não percebam esse poder e esses mecanismos de construção dos desejos. Assim, o sujeito corre o risco de não encontrar, de fato, o que espera, experimentando uma sensação de não ter vivido uma história de amor, de nunca ter tido um amor, reclamações recorrentes nas reuniões. O amor está sempre relacionado à busca, à necessidade, conforme expressam as seguintes falas: *“A gente espera um grande amor”*. *“Felicidade. Porque eu me sinto extremamente feliz em estar amando. Acordo de manhã lembrando do meu companheiro. Esse amor que eu sinto por ele me completa, me dá força pra tocar o dia”*. *“Eu acho que desde o primeiro momento, se não tem sinceridade, não é amor”*.

As reuniões parecem apontar para um fato: o que mais se deseja é continuar desejando, continuar sendo sujeito de um enunciado que fala sobre um objeto real, reconhecido e valorizado pelo outro. Refazer a constante pergunta “O que eu desejo?”, portanto, é o mesmo que buscar sempre a repetição da pergunta “Quem sou eu?”, já que, desde o início da construção dos sujeitos, há uma associação entre identidade e cadeia particular de significantes (KEHL, 1990). Daí a importância dos grupos gays para a construção de sujeitos homossexuais detentores de desejos. É compartilhando o reconhecimento desses desejos que o sujeito reafirma sua existência, já que se percebe capaz de vivenciar o que também é desejável para o outro. Esses mecanismos de construção dos sujeitos, por intermédio de desejos e discursos,

---

**166** Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007

estão presentes no trabalho dos grupos gays, mesmo que eles não tenham consciência do que estão construindo e do que estão participando.

A dinâmica das reuniões contribui para a construção desse mecanismo. A fala do outro sobre o desejo e o amor é capaz de desencadear o desejo de ter um desejo, passível de ser generalizado pela necessidade de manter um significativo para a falta e para o ser. *"Quando você está amando uma pessoa, acho que você encontra nela o que você tentou buscar, você se completa no jeito da pessoa, ela te completa. Ela pode até não estar te amando, mas o fato de você tá amando ela, acho que ela complementa o que você tá buscando"; "Querer. Querer, no sentido de... de... de tudo, de tudo. De querer dormir junto, de querer trepar"; "Eu quero. Quero ter uma pessoa do meu lado, entendeu? Eu sei que vai ter defeito, mas eu poder olhar e dizer 'meu amor, eu te amo'. Isso é uma delícia! É muito gostoso, não é veado?"*. Dessa forma, as falas das reuniões possibilitam que cada um pense a respeito do seu eu, num processo que fortalece a característica reflexiva da nossa sociedade, como apontada por Giddens (1993). Além disso, na medida em que se associam amor, desejo e homossexualidade, as reuniões contribuem também para tornar pensável a homossexualidade de forma geral e o homossexual de cada um. Sendo assim, é possível pensar que as reuniões estão servindo para construir identidades valorizadas da homossexualidade, que são oferecidas como as aceitáveis aos seus membros, num trabalho de construção dos sujeitos homossexuais. Ao oferecer identidades gays aceitáveis, associando sua definição a um tipo de desejo que seria específico, os grupos gays estão antecipando alguma coisa para os indivíduos. Os grupos alimentam, assim, o homossexual futuro dos indivíduos, agindo sobre o que eles acreditam e idealizam como sendo um poder de interferir na realidade, a fim de que as pessoas possam expressar e realizar seus desejos e suas homossexualidades.

A construção do que o grupo define como aceitável também é realizada pela negação das idéias contrárias, pela exclusão das falas que discordam, fortalecendo ainda mais as convicções individuais e de grupo. As falas discordantes são rapidamente atacadas ou então desconsideradas, não se desdobrando em novas falas. *"Eu só discordo do Isac pelo seguinte. É engraçado porque quando as pessoas falam de amor parece que elas estão entregando a vida delas num potinho para outra pessoa. Eu acho que quem faz isso, na verdade, se ama muito pouco. Eu acho que todo mundo que busca o amor, busca alguém para complementar, mas não para se entregar. [...] Eu acho que você tem que ter consciência plena daquilo que você sente por você mesmo, senão você está entregando sua identidade nas mãos de outra pessoa"; "Aí vai quebrar a cara"*. Em outro momento da reunião, uma outra fala discordante é atacada, demonstrando o julgamento de valor que está sendo organizado no grupo, apontando o comportamento "ideal" diante do amor e do desejo. Além disso, ao agredir o discordante, busca-se preservar aquilo em que se acredita e preservar o grupo. Neste sentido, a fala que se segue é reveladora: *"Eu acho que tem pessoas equilibradas que consegue enxergar no outro algo mais próximo da realidade, e outra menos equilibradas que consegue enxergar no outro algo além"*.

Dessa forma, pensar no grupo “o que eu sou” associado “ao que eu quero”, ou seja, essa união entre identidade e desejo, estará sempre em diálogo com uma certa tentativa de adivinhar e se adequar “ao que eu devo querer” e, no limite, “ao que o outro quer que eu queira”. O outro aqui se refere tanto ao homossexual que está ao lado e que faz com que os desejos, comportamentos e experiências sejam os mesmos, quanto ao grupo que define pelas falas, o que se espera, como homossexual, de um homossexual. Daí tanta necessidade de conhecer esse desejo do outro e de si próprio. Em última análise, pode-se concluir que tal necessidade é, na verdade, o desejo de saber.

A homossexualidade, portanto, não é simplesmente uma atividade sexual de ocupação do corpo, mas, sobretudo, discurso, investigação, conhecimento, criação de significados, troca simbólica, enfim, herdeira legítima da vontade de saber (FOUCAULT, 1988). São os mecanismos que ocorrem como investigação e apropriação do próprio corpo e do corpo do outro, o que passa pela falta, pelo desejo e pelo prazer. São investigações jamais satisfeitas, exigindo sua repetição e retorno constantes. É nesse espaço aberto que os grupos gays desenvolvem e organizam sua luta, ao mesmo tempo que realizam essa dinâmica de organização da realidade, o que leva a uma contínua necessidade de retorno e repetição. Em última análise, o trabalho dos grupos gays acabou incluindo uma nova forma de organizar a relação entre desejo e identidade, em que o desejo de ser poderia, ou melhor, deveria ser interpretado como um desejo de participar da luta, defender as causas, não somente no sentido de se identificar com elas, mas no de aproximar-se delas, tornando-se difícil se separar a causa, da identidade, e o pensamento do grupo, do pensamento dos indivíduos.

Como ressalta Touraine (1994), “o sujeito não é mais a presença em nós do universal”, mas sim uma constante construção e apelo pela mudança do “Si-mesmo em ator”. O sujeito, portanto, é o esforço para dizer Eu. O sujeito passa a ser Eu, construído na resolução da tensão entre vida pessoal e papéis sociais. O trabalho dos grupos gays deve ser entendido nessa perspectiva, já que ele contribui para essa transformação do sujeito em ator, nesse processo de construção do Eu, mas de um Eu definido pelo grupo, o que alimenta a tensão entre experiências de vida pessoal e histórias de vida com papéis sociais valorizados, recomendados e exigidos. Diante dessas questões, Touraine não hesita em afirmar que “o sujeito jamais triunfa”. “Ele anula a si mesmo tornando-se a Lei, identificando-se ao que é mais exterior, mais impessoal” (TOURAINÉ, 1994, p. 221-222).

Ampliando sua análise, Touraine defende que esse processo de afastamento de si mesmo e de identificação com o que é mais exterior é a subjetivação, ou seja, a penetração do sujeito no indivíduo, a transformação do indivíduo em sujeito, que é resultado da obsessão pela construção de identidade. “A procura da identidade, tão obsessiva nos dias de hoje, não manifesta a vontade de ser um sujeito; ela é, ao contrário, a autodestruição do indivíduo, incapaz, por razões internas ou externas, de tornar-se um sujeito” (TOURAINÉ, 1994, p. 297). A luta pela construção de uma

---

**168** Niterói, v. 7, n. 2, p. 153-172, 1. sem. 2007



identidade homogênea, a obsessão pela identidade é mais forte naqueles grupos que se sentem ameaçados, que buscam um êxito individual ou coletivo, que se sentem desvalorizados e invadidos por uma cultura. É provável que isso explique que a busca pela identidade nos grupos gays assuma um caráter muito mais de defesa de uma identidade transmitida, da qual eles são os porta-vozes e detentores, do que de uma identidade construída. Esses pontos fornecem a essa busca e a essa identidade um sentido artificial. Assim, a reivindicação e a busca de identidade partem muito mais dos dirigentes dos grupos do que de uma demanda de sua população.

## Considerações Finais

A necessidade de abandonar conceitos estáveis e seguros, como, por exemplo, a idéia de identidade e de homossexualidade, como unificadores, é uma forma de pensar os discursos como algo também instável e diverso, que causa desestabilização e insegurança. Por isso, muito mais produtivo é questionar como as coisas funcionam e acontecem, compartilhando essas questões e dúvidas, em vez de buscar saídas e respostas estáveis e seguras. Os lugares de onde as pessoas falam, os espaços em que se constroem, trocam, relacionam-se e evitam-se são múltiplos, mostrando seu caráter contingente, histórico e de construção. Nessa perspectiva, este artigo buscou colocar em evidência a importância de se dedicar uma atenção tanto aos discursos que articulam, organizam e constroem o sujeito homossexual, o que pensam, o que são e o que fazem, quanto aos acontecimentos históricos que estruturam essa construção e mesmo existência. São discursos revelando uma cultura, construindo um corpo por meio de um processo educativo.

Para Certeau (1995), toda atividade humana pode ser considerada cultura. No entanto, para que possa ser entendida como tal, é necessário que as práticas sociais produzidas tenham significado para aqueles que as realizam e para os que com elas mantenham relação. O trabalho dos grupos gays está situado em meio a um sistema de comunicação, produzindo regras, organizando os significados, a problemática, os comportamentos, as ideologias, e também os próprios participantes, contribuindo para caracterizar a sociedade brasileira como única e diferente das outras. "O desígnio que um grupo elabora traduz-se imediatamente por uma constelação de referências. Elas podem existir apenas para ele, não ser reconhecidas exteriormente. Nem por isso são menos reais e indispensáveis para que haja comunicação" (CERTEAU, 1995, p. 34).

Do grupo emergem crenças que possibilitam a identificação e a elaboração em comum. Seus discursos implicam pontos de referências e histórias que servem para fornecer o sentido de autoridade. Para que haja a construção dos grupos e dessa autoridade, há necessidade de reconhecimento e de acordos tácitos entre os membros para que seja aberto um espaço em que possam se desenvolver. Isso revela o que há de mais frágil, de mais móvel e de mais fundamental na vida social: as invenções (CERTEAU, 1995). Os movimentos sociais que associam o nascimento dos gru-

pos, a definição da luta, a preocupação com a tomada de consciência dos membros e o poder de se expressar surgem a partir da aceitação de autoridade, que quase sempre está embasada na experiência. Com os grupos gays não é diferente. A experiência de ser homossexual, a vivência e a aceitação dessas práticas e sua visibilidade conferem aos dirigentes a autoridade necessária para poder “falar em nome de”, para criar um grupo, para colocar em funcionamento o sistema de troca que organizará o seu funcionamento, que abre espaço para as experiências, para as falas e para a ação. Assim, a autoridade se fortalece pelos discursos e pelas pessoas, que vão construindo significados em comum. Essas análises ampliam o foco desse trabalho, que não se restringe aos grupos gays, mas abrange a organização de qualquer grupo.

Pode-se afirmar ainda que toda autoridade é construída pela adesão, por um tipo de “crença”. É um acordo que fornece legitimidade ao poder dos grupos, uma convicção que pressupõe controle dos significados, das ações, dos desejos, dos comportamentos, enfim, dos sujeitos. Tal acordo adquire mais força, na medida em que está baseado na “crença” de que o grupo não tem dono e que é constituído pela troca, pela liberdade, pela garantia de que todos podem falar, podem partilhar suas experiências. É isto que dá credibilidade ao grupo e disfarça os controles.

Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade, sobre sua relação com os outros. Uma verdade sem sociedade é apenas um engodo. Uma sociedade sem verdade é apenas uma tirania. Assim como a dupla relação – com os outros e com uma verdade – mede o alcance “filosófico” do trabalho social. (CERTEAU, 1995, p. 38-39)

A partir da citação de Certeau, é possível entender o trabalho dos grupos gays na “invenção” da homossexualidade e do homossexual como um diálogo com a sociedade, como seu produto e também seu produtor. Uma das finalidades da organização desses grupos é a possibilidade de reconstituir pelo discurso, pela construção dos significados em comum, uma crítica e desconstrução dos estereótipos, ao mesmo tempo que se busca construir novos significados.

Para Gay (1990), qualquer grupo que exerça poder e controle sobre seus membros tenta manter-se pela imposição de estilos de sentimento e de expressão. Ele força as vontades e os desejos a seguirem os caminhos considerados aceitáveis, tenta organizar as fantasias e os atos. “Os impulsos e as ansiedades do indivíduo fornecem a energia, mas é a cultura que fornece as matérias-primas para as fantasias, arquitetadas de acordo com requisitos estéticos” (GAY, 1990, p. 124). Os grupos gays recuperam um debate eterno e interminável entre a liberdade e o controle. Eles nasceram desse confronto. Muitas de suas ações se organizam trazendo para a discussão essa luta, principalmente porque eles fazem parte de um contexto em que a construção dos sujeitos, do “eu”, tornou-se uma necessidade reflexiva. Essa tarefa própria de uma sociedade construída reflexivamente deve ser realizada diante de

uma grande variedade de opções e possibilidades, o que contribui ainda mais para a disputa entre liberdade e controle (GIDDENS, 2002).

O futuro é continuamente trazido para as discussões dos grupos, sobretudo por meio de mecanismos de conscientização, fazendo com que estes locais possam ser considerados como um tipo de organização reflexiva de produção de conhecimento, como ambientes de conhecimento. Essa noção de estarem construindo um futuro melhor revela uma relação de confiança, desenvolvida em seu interior, fortalecendo a ligação entre seus membros e a continuidade do trabalho. "Atitudes de confiança em relação a situações, pessoas ou sistemas específicos, e também num nível mais geral, estão diretamente ligadas à *segurança* psicológica dos indivíduos e grupos" (GIDDENS, 2002, p. 25). Há uma infinidade de possibilidades de respostas e de reações às questões e situações vividas no cotidiano. É a construção de um referencial compartilhado da realidade que torna algumas respostas e reações mais apropriadas e "aceitáveis". O trabalho dos grupos gays se organiza nesse caminho: o sentimento de estarem compartilhando uma realidade é ao mesmo tempo forte e frágil. Isso porque eles lidam com respostas construídas por meios emocionais e não apenas cognitivos. O que alimenta o grupo, a troca de experiência, a construção compartilhada de realidade e, sobretudo, o comprometimento dos membros com sua existência e manutenção são a confiança, a esperança e a coragem.

*Abstract: This work is the result of the interaction with the people who compose three groups of gays – the GGB, the CPRSL and the GMM. Through this interaction, it was possible to get in touch with their way of acting, of thinking and of making themselves homosexual. The gay groups have become relevant places for the building up of "truths" as concerns the conception of homosexuality and homosexual. Therefore, this work aims at verifying the way these groups contribute to strengthen the connection between speeches, knowledge and power into their members constitutions as homosexuals. In this sense, desire has acquired extreme importance on homosexual definition. What ideas about desire have been set in the game and taken into granted to identify homosexuality? How have desire understanding and group identification originated homosexuality and the homosexual?*

*Keywords: education; homosexualities; speeches; desire.*

**Referências**

- ABREU, Caio Fernando. Pela noite. In: \_\_\_\_\_. *Triângulo das águas*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- ANZIEU, Didier. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A cultural no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o ocidente: evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Tecnologias del yo: y otros textos afines*. Barcelona: Piados Ibérica, 1990.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud*. v. 2: a paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIDEENS, Antony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- KEHL, Maria Rita. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VIANNA, Cláudia. *Os nós do "nós": crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo*. São Paulo: Xamã, 1999.